

NÚPCIAS MARINHAS

VIRGÍLIO VÁRZEA  
NÚPCIAS MARINHAS



© 1997, Parque EXPO 98, S.A.

Com um agradecimento a António Arnoni Prado.

A Vela dos Náufragos, O Velho Sumares e Núpcias Marinhas foram  
extraídos do livro *Mares e Campos*.

Ilustração e Design  
Luís Filipe Cunha

Tiragem  
5000 exemplares

Composição  
Fotocompográfica

Seleção de Cor  
Grafiseis

Impressão e Acabamento  
Printer Portuguesa

Depósito Legal  
113 181/97  
ISBN

972-8396-11-2

Lisboa, Agosto de 1997

# A VELA DOS NÁUFRAGOS

(Ao Dr. Gama-Rosa)

I

A lestada amainara após seis dias de fúria tremenda, em que o pequeno arraial dos Ingleses jazera, agachado e transido, sob as bátegas diluviais e os espessos nevoeiros. A costa toda, desde a Lagoinha até à Ponta Grossa, estivera abandonada e deserta, sob a acção aterradora dos vagalhões revoltos, estourando, dia e noite, em cachões espumantes, que alagavam as praias, os baixios e os cômoros, turbilhonando ululantemente sobre os mais altos cabeços. Tudo ficara abandonado, parado, ao deus-dará por aquela semana; nenhuma rede se arriscara no

meio da tormenta; cessara de todo o trabalho. E a pobre e laboriosa população do lugar, condenada à inação, permanecera penosamente durante esses dias, que se arrastavam longos e cheios de miséria, tomada de tédio, encolhida, apinhada em casa, tremendo de frio em roda dos braseiros em chamas.

Mas voltara o bom tempo. Uma madrugada de ouro, umas dessas maravilhosas madrugadas catarinenses no litoral atlântico, vinha resplandecendo feericamente. O céu, no alto, arqueava-se todo azul, do azul ideal e transparente de uma velha faiança holandesa. As praias límpidas e curvas, e os cordões sucessivos dos cômoros extensos, destacavam magnificamente, à luz, n'uma alvura cegante de trigo. E a planura verde do mar, levemente ondulada, na estagnação de uma vasta calmaria, estendia-se para todos os lados, aqui e além mosqueada de altos relevos de ilhas encravadas em grandes anéis movediços de espuma. A costa inteira tinha de novo a alegria e o alvoroço das manhãs de bonança: pelos ranchos, reuniam-se já, n'uma ruidosa algazarra marítima, os pequenos grupos de roceiros e pescadores do sítio; canoas grandes de rede, carregadas e prontas, tomada a palamenta,

aguardavam a faina, sobre grossos rolos de madeira; velas curvas em bojo cruzavam ao longe, n'um voo branco, como grandes asas ligeiras; e uma embarcação maior, um iate, que parecia o *Andorinha*, do Joaquim Patesca, bordejava a todo pano, em direcção ao porto, na altura do Arvoredo.

Então, a Maria Virgínia, que esquadrihava minuciosamente o mar desde muito cedo do alto do pequeno terreiro da casa, seguindo atentamente o navio, mal o viu aproximar-se, na atitude de dar fundo, começou a descer apressada a encosta até à venda do Lemos, a colher notícias do *Espadarte*, o brigue onde andava o marido, o Manuel Siqueira, e que arrancara para o Rio Grande na véspera da medonha tormenta. Estava abatida, magra, desfeita, a pobre rapariga, que ainda há três anos era a primeira beleza dos Ingleses. Tinham-na posto nesse estado os dois filhos que criava, dois hercúleos fedelhos rosados, de um louro rembrandtesco, e os cuidados, os temores e as aflições daquela semana, em que a sua alma não tivera sossego, a se debater, à noite, no meio de pesadelos horríveis, em que, por vezes, flutuavam, como n'um quadro estranho de Doré, um casco de navio perdido e a imagem amada do

marido, abandonada e naufraga, n'um desespero, sobre as ondas do mar em fúria. Percorrendo nervosamente o tortuoso atalho vermelho, que se torcia entre a verdura espessa, ela não tirava, um instante só, o olhar ansioso de sobre as vagas verdes onde, agora, um pequeno batelão a remos vogava a toda a força para terra: estugava o passo com esforço, para colher as notícias dos próprios marinheiros, falar-lhes, perguntar-lhes de onde vinham, e se tinham apanhado a tormenta. Mas o atalho deprimia-se aí até cair na estrada do rei, distante ainda muitas braças dos cômoros, e o batelão, já contra a costa, sumira-se-lhe da vista que, nesse instante, apenas alcançava uma esteira branca de espuma smorzando saudosamente para além...

No porto, um grupo de homens aglomerava-se já em torno da pequena embarcação, em que vinham dois tripulantes do iate e o contramestre Pedro, um rapaz dos Morretes, que lidava no mar de menino e era muito conhecido e estimado em toda aquela vizinhança. De pé, à popa do batelão, o grosso tórax possante atacado n'uma ampla camisa de flanela azul, com belo peito escarlate em forma de lira e ornado de bolso, o boné carregado sobre os olhos, gritou:



— Oh gente, cá estamos de novo! Tudo a salvo... Felizmente, desta vez, o mar rejeitou-nos!

De um pulo destro saltou, distribuindo aqui e ali apertos de mão, falando a um e outro, todo risonho, n'uma rude expansão de marítimo; e avistando o Lemos à porta da venda, rotundo e rubro na sua camisa de algodão grosso:

— Olá! Olha uma bela pinga da *branca*!

E rompeu, praia acima, a fortes passadas gigantes, que faziam cantar vivamente, sob as solas das botas, a alva areia escaldante.

A Maria Virgínia chegou à praia exausta, ofegante, as pernas trémulas, quase a cair de fadiga. Quando entrou na venda, o contramestre Pedro, cercado de povo, a fisionomia animada, loquaz e gesticulante, perorava, com ardor, sobre o temporal.

— Havia muito tempo, dizia, não se sabia de tamanha borrasca ao sul. Nem na costa da Laguna, nem em Itajahy, nem na barra do Rio Grande... Fazia já vinte anos que ele se batia com o mar, em inúmeras latitudes, sob aguaceiros e trovoadas medonhas, mas jamais vira tanto vento e tamanhos vagalhões. Verdadeiras montanhas d'água,

deslocando-se, esbarrando-se n'uma fúria dos demónios... Bordejava para fora, na Barra Velha, quando a lestada caiu. A princípio, aguentou-se com pouco pano — vela grande nos rizes e bujarrona, — a ver no que dava aquilo. Mas o iate era um cabrito — saltava, empinava-se, investia na vaga ameaçando ir a pique. Tentou uma arribada, porém a costa toda sumira-se: nevoeiros densos amortalhavam tudo, carregados de cinza. Então pôs-se à capa, e toca a rolar para aí... Seis dias e seis noites vogou perdido, aos tombos, no redemoinho das águas. Ninguém parava, ninguém dormia, n'uma faina incessante. Até que, naquela manhã, a borrasca amainara de todo e, sem saber como, por um acaso imprevisto, quase um milagre, avistou terra, por barlavento, à distância de milhas. Reconheceu logo o Arvoredo, os Ingleses, e puxara todo à bolina. E ali estava, graças a Deus, são e perfeito, com aquela casca de noz do *Andorinha* e toda a sua companhia...

Quando ele acabou, a Maria Virgínia, que ouvira tudo atentamente, imóvel e muito pálida, o coração palpitante, acercou-se, por entre os homens; e, saudando-o, n'uma voz doce e trémula, cheia de emoção:

— Então, por aqui, depois de tantos trabalhos, hein?

Que desgraças por esse mar! E que grande lestada, nem o temporal de Março de que falava a mãe! Nunca se vira uma coisa assim! Ali, no arraial, fora uma calamidade, parecia que era o fim do mundo! E como ele escapara, com tantos perigos, tantas aflições? Só por Deus, só por Nossa Senhora dos Navegantes!...

— É verdade, Marica, graças ao Pai do Céu, escapámos...

E, n'um gesto da sua mão hercúlea, descobriu-se, deixando ver a bela testa tisonada, toda aureolada de espessos caracóis castanhos.

Em seguida, ela cantou-lhe, n'um grande abalo íntimo, em frases entrecortadas e soluçantes, os lindos olhos negros arrasados de pranto, que o que a levava até ali fora a profunda ânsia em que estava por «alguma nova» do Siqueira, que se fizera ao mar um dia antes de cair aquele «inferno de tempo». Decerto, andara rolando também, aos trambolhões, por esses mares de Deus... E quem sabe o que lhe teria sucedido sobre as ondas em sanha?... Desde que aquilo desabara, não parara um instante, inquieta, n'um desespero contínuo, passando os dias e as noites junto ao oratório, rezando. E não sabia porquê, mas, «por dentro», uma coisa lhe dizia que tinha havido um desas-

tre, alguma desgraça, pois sentia como que um «peso» terrível sobre o coração...

E desatou a chorar alto, perdidamente, batida de uma rajada de dor.

O Pedro, com a sua bondade de gigante, a sensibilidade incomparável e santa de todos os marujos, cujas almas vivem perpetuamente carregadas de amor, de ternura, da nostalgia sem fim do oceano, ficara logo com os seus grandes olhos azuis mareados de lágrimas; e, atarantado, n'um enleio, n'uma perturbação, mal podia dizer meigamente:

— Que, infelizmente, não encontrara um só navio, uma única vela, durante a terrível viagem, mesmo porque era impossível distinguir coisa alguma em meio a cerração. Mas que não se amofinasse, não perdesse a esperança. O Siqueira era um marinheiro às direitas, conhecia o mar como as palmas das mãos. Depois, o *Espadarte* era navio de aguentar todo o tempo; aquilo era seguro como um rochedo; para ele não havia vagalhão. Certamente a lestada fora de tremer, mas não faltavam recursos para um bom mareante: havia a capa, havia o encalhe em um costão de remanso e, se nada d'isso se pudesse alcançar,

era dar à popa e deixar-se levar sobre as águas, aos trancos... Não! Que ela não pensasse em desgraças! Era uma tolice! O Siqueira, àquela hora, talvez estivesse chegando ao Rio Grande...

Sob estas palavras, que lhe caíam docemente na alma, como um alívio, uma consolação, a Maria Virgínia foi pouco a pouco serenando; mas lembrando-se de repente de que os pequeninos, os filhos, tinham ficado sozinhos lá em cima com a mãe, coitada, que vivia parálitica, a um canto quase sem se poder mover, despediu-se imediatamente:

— Ora, há-de ser o que Deus quiser... E adeusinho, Pedro; até depois. Olha, aparece lá em casa. Assim que poderes, dá uma chegadinha ao morro. A mamã há-de gostar de te ver...

E saiu correndo, n'um movimento adorável dos quadris cheios, da cinta estreita e do lindo busto alto onde o seu pescoço bem feito e o moreno rosto escultural se erguiam deliciosamente no meio da luz radiante.

## II

Daí a quinze dias, pela manhã, espalhava-se por todo o arraial dos Ingleses a lutuosa notícia de que o *Espadarte*

tinha ido a pique, uma madrugada, a vinte milhas do cabo de Santa Marta, tendo perecido nele o contramestre, o gageiro-grande e o capitão Siqueira. Soubera do caso o filho do Patesca, que viera da cidade onde estivera com os tripulantes que haviam escapado, e que decerto chegariam ali pela tarde, porque vinham por terra, de sítio em sítio, em procissão com a gávea, a tirar esmolas para uma promessa à Senhora dos Navegantes. Um deles, o Manuel Figueira, narrara-lhe, na véspera, como se dera o naufrágio.

O navio abrira água, um dia antes do sinistro, com dois mares de través, que o alagaram de popa, ao desfazer de uma capa. Mas, com as bombas a trabalhar incessantemente, aguentara ainda até à noite seguinte, em que a guarnição, já exausta, largou tudo por mão, e o brigue entrou a se sentir mal sobre as vagas. Os marinheiros começaram então a tratar da salvação, ensacando provisões, entrouxando a roupa, arranjando os objectos náuticos mais necessários — remos, velame, cabos — safando ao mesmo tempo as talhas do escaler pequeno e da lancha grande de carga, a fim de os poderem arriar ao primeiro sinal. E as horas corriam, sob o fragor clamoroso do mar

e a negrura densa da noite insondável... De repente, um marinheiro, que descera ao rancho, deparou com o porão meio d'água e, voltando, correrá à ré, a dar parte ao contramestre que estava ao leme, enquanto o capitão, a um bordo, contra a balaustrada, com os olhos fisgados na noite e nas ondas, acenava, a espaços, com o braço gritando: *orça! alivia!* para evitar as montanhas de mar embatendo em assaltos gigantes... Nessa ocasião, já o navio ameaçava soçobrar, em horríveis balanços. Eles, imediatamente, lançaram o escaler e a lancha fora das amuradas, destacando o gageiro-grande para a popa, a prevenir o capitão de que tudo estava pronto a largar. Porém, nisso, um vagalhão terrível inopinadamente rebentou sobre o salto, avançando, carregando tudo n'um turbilhão formidando... Ouviram-se gritos... O brigue medonhamente enterrava-se, de alheta, erguendo a proa balouçante... Eles, alucinados, n'um estranho pavor no meio do tumulto infernal, cortaram logo as talhas, e, a toda a força de remos, aguentaram para o largo, à distância... Quando o dia alvorou, já em calma, nada mais se avistou sobre o mar, além deles e do disco ermo e nostálgico do horizonte ao longe...

E a viva narração do marinheiro voava de boca em boca, electricamente, despertando enternecimentos e lágrimas pelas casas, os engenhos e os ranchos, e adquirindo, a cada nova edição oral, cores e linhas estranhas.

A casa da Maria Virgínia já haviam acudido os parentes, as amigas e toda a vizinhança — e as portas e as janelas cerradas, deixavam escapar desoladoramente, apesar do belo sol da manhã, um coro abafado e lúgubre de vozes soluçantes.

A pobre rapariga recebera o grande golpe aflitivo logo ao amanhecer, quando, como de costume, depois da tempestade, postada ao paredão do terreiro, esquadrinhava, com um longo olhar melancólico, a linha clara do horizonte. Levara-lhe a dolorosa comunicação uma comadre sua, a Josefa Dutra, que passara ainda escuro pela casa do Patesca, onde se detivera a tomar o «aparado» e a descansar da longa caminhada que trazia, desde o cantar do galo, lá do Rio Vermelho, onde estivera em busca de remédios para o marido, caído com as sezões, havia dois meses. Desde esse instante até àquela hora, a Maria Virgínia se debatia em gritos, n'uma ânsia e n'um desalinho, na agitação do desespero, inconsolável, aturdida e perdi-



da no fundo do seu infortúnio. Todos a rodeavam afectuosamente, procurando acalmá-la com palavras meigas e enternecidas, que envolviam uma imensa consolação de carinhos — palavras deliciosas, palavras santas, que são, na desgraça, como um vasto manto aconchegante de plumas e um suave, incomparável bálsamo bendito!...

A casa inteira parecia também envolta na rajada sinistra, no meio da desolação: de todos os lados, de todos os cantos, erguia-se, funerariamente, na desordem das coisas, como uma levada tumultuosa de sofrimentos, que se desprendia do choro inconsciente das criancinhas órfãs e do soluçar rouquejante da pobre avó paralítica. Até na cozinha as velhas pretas da casa faziam um coro vivo de pranto. E a imensa aflição deste lar humilde ecoava lutuosamente por aquelas cercanias onde, como em todos os sítios, a vida corre docemente enlaçada, na solidariedade fraternal de uma mesma família, compartilhando igualmente as alegrias e as privações.

Mas o dia encaminhava-se para a tarde e a luz desbotava lentamente n'um dourado esvaído. Pelos morros, distinguíam-se os grandes lençóis coloridos das roças, onde predominavam intensamente o verde-negro da mandioca

e o louro seco dos milhos. E na serenidade do ar erguia-se, por vezes, um vago trémulo amoroso de campearinas cantigas. Pela costa, canoas de rede, na faina intensa da pescaria, iam traçando incessantemente, sobre a lousa verde do mar em calma, longos hieróglifos de giz. Pequenas velas ao longe abriam melancolicamente o triângulo claro e vogador da sua asa alígera. E no horizonte além, a saudosa neblina de pérola das águas longínquas...

De repente, vozes frescas de rapazes estalaram lá em baixo, no caminho:

— Olha uma vela de navio! Olha uma vela de navio!  
É a gente do *Espadarte*... Aí vem!...

E logo a notícia de que os naufragos tinham chegado espalhou-se por todo o sítio dos Ingleses.

Efectivamente, na encruzilhada da praia, de onde partia um ramal de estrada branco e arenoso estendendo-se pelo litoral até à Ponta das Canas e à Cachoeiras, um grupo triste de homens, descalços, em camisa, o boné sob o braço, as calças arregaçadas, apertadas na cinta escarlate dos marujos, avançava, conduzindo à mão, pelas carregadeiras, o pano grande de uma verga. Molhos de rosas e palmas, deitados decerto por mãos piedosas de roceiras

trigueiras — mães, filhas, noivas e irmãs — na passagem pelos sítios, perfumavam, enfeitavam risonhamente aquela velha lona, que fora outrora, no alto das mastreações, tão amada do sol e dos ventos do oceano.

O préstito caminhava cantando. Era uma dessas canções embaladas e monótonas, de uma cadência acre da onda em tormenta, implorativas, convulsas, ansiosas, de uma nostalgia sem termo. Cada estrofe dizia, primeiro, o rugir dos ventos, o espumar dos vagalhões em fúria, o despedaçar dos lenhos; depois, os gritos, as pragas duras, blasfemas, os fundos desesperos da marinhagem impotente, em luta brutal com os elementos. Mas o estribilho ritmado e frequente, tinha uma mansidão suplicante, o ansiar resignado de íntimos sofrimentos, a doçura suavíssima de uma prece plangente:

Senhora dos Navegantes,  
Amparai-nos lá dos céus:  
Que por todos os quadrantes  
Acalmem-se os escarcéus.

De vez em quando, em frente às casas, a vela parava, e um marinheiro se destacava, abordando as janelas ou as

portas, de barrete estendido, esmolando. E as moedas negras de cobre e os níqueis radiantes, surgiam de toda a parte, caindo de mãos femininas e brancas, n'um rápido gesto espontâneo.

Uma aglomeração de rapazes e homens cercava logo a companhia, e os conhecidos e amigos a inquiriam candidamente, pedindo notícias, pormenores do sinistro.

As famílias dos náufragos que moravam distante, lá para a Lagoinha, desciam em direcção à praia, n'um alvoroço, para abraçar os pais, os maridos e os filhos. Havia por isso, em todo o arraial, um movimento de romaria. E quando algum dos marinheiros avistava os seus entes queridos, o seu lar, o bem maior da sua vida, desprendia-se, por instantes, do lutuoso cortejo, e eram então abraços ardentes, choros de emoção e de alegria, nas portei-ras, nos terreiros, sob as ramagens verdes dos caminhos...

Mas logo a vela prosseguia, naquela peregrinação dolorosa.

Ao chegar à venda do Lemos, uma multidão de ajudantes, camaradas das redes e alguns tripulantes do *Andorinha*, que ainda permanecia no porto carregando — corre-

ram ao encontro dos náufragos, ruidosamente, n'um júbilo:

— Oh António! oh Figueira! oh Constâncio!... Então por aqui, depois de tantos perigos?... Ora sempre Deus era grande e tinha compaixão dos infelizes!...

— É verdade, gente. Mas lá ficou o nosso capitão, lá ficaram o Samuel e o Justino, coitadinhos! Quem diria que tornaríamos sem eles! O que era a vida, o que era o destino!

E dos olhos de todos aqueles marítimos, raiados de sangue pela refração solar do oceano, nos tombadilhos, as lágrimas corriam, duas a duas, silenciosamente...

Lá em cima, no morro, a Maria Virgínia, a essa hora mais calma, mais resignada, naquela quase consolação de poder ver ao menos a vela do navio do marido, queria por força descer a baixo, ao caminho. Mas os parentes e as amigas protestavam, opunham-se:

— Que não! Que não! Pois se a vela ia passar por ali, porque tinha de ficar aquela noite na ermadinha da Senhora dos Navegantes! Não! Que tivesse paciência, esperasse um instante. Ela viria...

Com efeito, o pano do brigue ia ser depositado ali até outro dia. O Figueira já falara ao sacristão, e este apressa-

ra-se logo a subir à capelinha, cuja porta abria-se agora lá no alto da montanha, dominando as praias, as ilhas, todo o oceano, como nas manhãs claras de missa...

Mas o sol rolava já no horizonte, n'uma barra sulfereína. A planura imensa das águas resplandecia a oeste, maravilhosamente, como um estranho tablado de pedrarias. Canoas ao longe corriam, com velas tintas a zarcão, sob a luz fugidia, evocando feericamente o esquisso luminoso de uma remota marinha fenícia, singrando, n'um poente vermelho, o cetim do mar de Tiro. E contra a costa arenosa e límpida fechada a um lado pelas rochas altas do Rapa, cobertas agora de uma fascuração sanguínea de mica, o cair lento e melancólico de uma poeira de nanquin, onde se distinguiam, n'uma eteral agonia, os primeiros lilases e lírios das ave-marias...

Então os náufragos apressaram-se e, arrumados à vela, de onde as rosas e palmas pendiam, já murchas e tristes, como sobre um pano de esquife, tomaram o tortuoso e empinado caminho que levava à ermida. E, de novo, repetidamente, o estribilho sonoro da canção

marítima ecoou pelo ar, manso, súplice, plangentíssimo:

Senhora dos Navegantes,  
Amparai-nos lá dos céus:  
Que por todos os quadrantes  
Acalmem-se os escarcéus.

Em frente ao terreiro da Maria Virgínia o préstito estacou. Uma aglomeração de pessoas tomava ali a estrada, n'uma atitude compungida. E logo, da casa toda aberta e em sombra, rompeu uma orquestração clamorosa de choros e gritos. Dentro, a pobre rapariga debatia-se, n'uma angústia sem nome, em meio aos braços das amigas, que a conduziam carinhosamente para uma das janelas, procurando impedi-la de sair ao caminho, dizendo-lhe docemente:

— Olha daqui! Olha daqui!

Porém ela, desatinada, convulsa, n'um nervosismo, retorquia-lhes:

— Não! Não! Deixem-me sair! E com a ideia sempre fixa no marido: — Quero ir beijar ao menos a vela que lhe escutou o último suspiro...

E, desprendendo-se de repente, atirou-se para a rua, como uma louca, por entre a multidão estarrecida.

Foi então uma cena comovente, tristíssima. Todos, em volta, tinham os olhos rasos d'água, as pessoas do povo como aqueles velhos marítimos.

E a Maria Virgínia, de joelhos, abraçada à vela, toda banhada em pranto e agitada por soluços que a sacudiam intermitentemente, beijava a velha lona náufraga, beijava-a, como n'uma ardente e extraordinária consagração divina. A sua voz, a espaços, debilmente vibrava, trémula, entrecortada, aflitíssima, no meio do pesado silêncio do céu vespertino:

— Ai! que dor! Ai! que dor!... Virgem Santíssima!...

E como ela se delongava sonambulamente nessa genuflexão de martírio, o rosto desfigurado, muito branco, como quem vai cair n'uma síncope, os parentes acudiram, arrancando-a piedosamente dali.

A vela, sempre acompanhada de povo, pôs-se outra vez a caminho, embalada pelo ritmo sonoro da canção, cujo agro estribilho argumentava agora de dolência monótona. Nesse instante, o crepúsculo cerrara-se de todo, amortalhando os longes, as montanhas e as águas, com os seus grandes véus mortuários de cinza...

*Rio, 1893.*



## O VELHO SUMARES

(Ao almirante J. Justino de Proença)

O *Galgo*, tomada a última barcada de negros, fizera-se de vela. Bordejava ao terral da madrugada, na pequena enseada de Ambriz, os faróis apagados para escapar aos cruzeiros ingleses e ganhar o mar alto, onde ninguém o vencia. As primeiras barras do dia começavam a clarear para os lados de terra, e o navio, ainda entre pontas, não conseguia fazer-se ao largo. No tombadilho, passeando de bombordo a boreste, o velho Sumares praguejava, porque o vento ia escasseando. O brigue caturrava lentamente na vaga e ele olhava preocupado o horizonte a

oeste, sondando-o com um longo olhar inquieto, através da obscuridade...

## II

Das trinta e seis perigosas viagens à Costa, nenhuma lhe custara como aquela. À saída do porto, pegara logo uma lestada que arrebatara um mastaréu, inutilizando-lhe um homem e fazendo-o rolar, durante oito dias, aos trambolhões, à capa. Depois, fora aquele «raio do diabo» do *Contest* perseguindo-o, na última semana, com uma tenacidade formidável, até à antevéspera, em que conseguira escapar, graças à intensa escuridão da noite, na baía de Biafra. Ainda sentia subir-lhe o sangue à cabeça, n'uma onda de raiva, à lembrança daqueles sete dias perdidos, de contínuas e trabalhosas manobras, ora escondendo-se nos recantos da costa, ora sumindo-se nos vagalhões do alto-mar. E, todas as manhãs, sempre à vista, as velas perseguidoras do maldito cruzeiro! Carregara, durante dois dias e duas noites, n'um sobressalto, sem arriar ferros, só com um ancorote, pronto a suspender ao primeiro sinal. E, pela primeira vez, sentia-se fatigado dos seus setenta e seis anos de mar.

Porque o velho Sumares nascera no oceano, na altura das Canárias, na câmara de uma galera das Índias, uma

alegre manhã atlântica de mar manso e céu claro. Seu pai, o capitão de bordo, era um famoso náutico, descendente de uma antiga família de marítimos do Algarve. Chamava-se Manuel Sumares, mas era conhecido, entre os capitães portugueses do seu tempo, pelo *Manuel Mastro*, em virtude do seu porte teso e agigantado, do excepcional sangue-frio no perigo, da grande força muscular. Nunca tremera diante da tormenta, nem sentira a fadiga das viagens. Piloto muito moço, apenas tirara a carta, começou a comandar. A mulher, que o acompanhava sempre pelos mares, uma robusta filha de pescadores da Póvoa, morena e planturosa, com uns olhos negros esplêndidos, fora criada nas praias, nos ventos salitrosos do oceano e ao cadente rebentar das vagas. Tivera seis filhos homens, dos quais os três mais velhos, ainda muito tenros, começaram a labutar sobre as águas. Casara aos catorze anos e saíra logo a viajar. Muito forte, muito corajosa e saudável, nas constantes viagens, vivia sempre em cima, no tombadilho, ao lado do marido, acompanhando o movimento das manobras com intrepidez máscula. Isto fazia com que os marinhos, nas palestras íntimas do rancho, a tratassem sempre pela *Velha Náutica*.

O Sumares herdara do pai a gigantesca estatura, a calma extraordinária e a pujança viril de músculos, coroadas por uma inteligência natural e um incomparável espírito de aventura. Da mãe, recebera a beleza cinzelada do busto e os grandes olhos nanquinados, imprimindo uma radiação e um encanto à larga fisionomia ariana, emoldurada em bela barba basta e n'uma espessa cabeleira ondeada. Aos quinze anos, todo imberbe, era lindo, forte, escultural, lembrando o filho de um pescador do Pireu, ou um antigo grumete dos Argonautas. Bem novo ainda, com pouco mais de dez anos, entrara a servir, como moço de convés, sob as ordens do pai, revelando desde logo extraordinária vocação para a vida do mar. Assim fizera numerosas viagens. Foi em Santa Catarina, onde naufragara n'uma sumaca portuguesa que ia para o Prata, que obtivera o seu primeiro comando, n'um palhabote da pequena cabotagem. Tinha então vinte anos. As viagens eram para o Rio Grande do Sul, e, em uma delas, o Sumares realizava inesperadamente a sua primeira aventura, salvando, com risco de vida, sob um pampeiro forte, toda a tripulação de uma barca inglesa, naufragada na barra. Valeu-lhe esta «áfrica» uma medalha do governo britânico,

acompanhada de um riquíssimo binóculo de *master*, com uma inscrição e o seu nome nos cilindros dourados, onde se falava da rainha Vitória e do Almirantado.

Este facto e outros, numerosamente ocorridos em toda a costa durante aquele Inverno de tremendas borrascas, deram-lhe, desde logo, nas duas províncias do Sul, uma grande notoriedade. Só se falava então no capitão Sumares. Depois, nos navios de longo curso, que iam continuamente às Antilhas e à América Central, para onde se encarreirara, fez, com o seu imenso prestígio de marinheiro genial, prodigiosas salvações no mar. E, entre todas as viagens ali, era célebre a temerosa travessia sob o estourar dos ciclones no golfo do México, onde sessenta navios soçobraram, só escapando ele n'um velho patacho.

Mas a formação da sua estranha biografia, quase inverosímil e lendária, a que a imaginação popular dera cores fantásticas, sobrenaturais, teve lugar, com mais publicidade e ruído, quando capitão dos navios da Costa, no tráfico do escravo onde ocorreram inauditos casos. Aí enriquecera, logo no começo, a dois armadores do Desterro, com magníficas viagens dando resultados consideráveis. Como casara, porém, na família Calado, uma antiga firma

comercial, também armadora e agora um pouco atrasada pelas contínuas perdas no mar, nos últimos anos — passou a comandar um dos navios da casa.

Escolhera, entre os quatro restantes, o *Galgo*, que fizera apenas uma viagem a África, e essa mesma com tanta infelicidade que os Ingleses o haviam aprisionado, já na volta, depois de oito dias de singradura larga, levando-o com carregamento e guarnição para Santa Helena, onde o abandonaram. O desastre dera-se porque o capitão dessa época, aterrorizado desde um temporal que apanhara pelo equinócio, e que obrigara a correr em árvore seca, durante um dia, aos boléus, sobre os vagalhões irados — tivera medo de puxar pelo barco, por causa do mar e do sul terrível que reinava, temendo-lhe o casco esguio, o enorme pano, a guinda desmesurada.

O navio era novo, de um modelo lindo, uma construção rara. E o novo capitão, ao sair a barra, pela primeira vez, no *Galgo*, puxando todo, às bordadas, contra o norte duro, reconheceu logo, pela excelente marcha, que aquilo «era uma espada». Ao botar-se a *barquinha*, verificava-se sempre oito a dez milhas folgadas — à popa, à bolina, a um largo. Foi nessa viagem que o Sumares começou a sé-

rie inédita e louca de aventuras que tanto o celebraram entre os capitães costeiros, e das quais se saiu sempre vitorioso até àquela bem cercada agora de maus preságios...

### III

Mas claridades róseas começaram a alastrar o céu — e o Sol rompeu, n'um pasmoso esplendor tropical, fazendo destacar, muito vivas, as areias brancas da costa, as florestas à beira d'água e, ao fundo, as montanhas cinzentas da Serra Leoa, sumindo-se além, n'um esvaecimento nostálgico. A luz de ouro jorrante cobria de inúmeras placas rutilosas a vastíssima amplidão do mar. A oeste, o curvo e imenso horizonte mostrava-se agora, deserto e longínquo n'uma extensa linha azulada.

De repente, das águas de Benim, dobrando o cabo de Palmas, ao noroeste, velas branquejaram. Era uma embarcação de alto bordo.

O velho Sumares, à amurada, de binóculo em punho, observava atentamente o navio: proava naquele rumo, a grande distância, por isso não podia distinguir bem. Su-



pôis, a princípio, uma galera portuguesa, de torna-viagem às possessões na costa. Mas, ao virar de bordo, reconheceu que era um brigue, trazendo à mezena a bandeira inglesa arvorada!

— Ah! Com um milhão de raios, o *Contest!*...

E mandou logo virar para o sul.

#### IV

Todo aquele dia seguiu-o, ameaçadoramente, como na última semana, a terrível proa, que só desapareceu ao cerrar da noite, mas cujos faróis acesos brilhavam, através da treva, espreitando-o sinistramente, como os olhos de um felino fantástico. Pela madrugada o vento escasseou, e outra vez avistaram, à doce luz dourada do Levante, quilhando-lhes a esteira branca, sobre as águas de sable, o temeroso casco. A maldita calmaria, tão conhecida naquelas paragens, começava. E o cruzeiro vinha-lhes na alheta, já muito próximo, a menos de três milhas escassas.

O velho Sumares receava agora o alcance da artilharia que montava o navio, mas guardava o sangue-frio habi-

tual, observando o menor movimento do inimigo. O piloto, no arco de gávea, procurava devassar o convés inglês com o seu longo olhar. E a guarnição do *Galgo*, de cima do castelo, mirava, o sobrolho carregado, a aproximação do brigue.

Era colossal o vaso britânico, pelo seu comprimento, um enorme pontal, a alterosa mastreação, sendo que só as gáveas e os joanetes podiam dar para todo o pano do *Galgo*!

E alguns dos marinheiros, rudes velhos encanecidos no tráfico, que tinham sido aprisionados de uma feita por um dos cruzeiros, lembravam-se ainda, com terror, olhando o monstruoso navio, dos maus tratos e da cruel desumanidade da maruja inglesa. Os que ofereciam resistência nas abordagens ou davam combate, eram içados, depois, no lais das vergas, ou passados de mergulho por debaixo do casco ou calabrotados...

— Um inferno! concluía o velho gageiro Domingos, o mais idoso da companhia; só faltava matar-nos, trincar-nos os bofes... Excomungados! E ali estavam a segui-los! Só se aquele barco, o *Galgo*, já estivesse com craca, senão os havia de ensinar, aos patifes, deixass' com quem! Com o velho Sumares... Ora, os diabos!...

Os outros, que o ouviam, exclamavam entusiasticamente:

— Quais quê! Ao *Galgo* nem uma bala o pegava! Aquilo era um corisco p'ra andar! Dessem-lhe vento, que era o que ele queria! E que fossem bugiar os *corsários*!

E fixavam o *Contest*, franzindo o beicho, com profundo desdém, como marinheiros que conhecem o seu barco.

O João Catarina, que subia do rancho para render o homem do leme, e que ouvira o fim da conversa, gritou-lhes também, voltando-se, com uma das mãos à cinta, endireitando a faca:

— O quê, rapazes? o «carroça»? Não dava p'ra nada... Pois se aquilo era pior que uma bóia!...

Mas, à ré, o velho Sumares não tirava o binóculo do barco. Parecia-lhe, inexplicavelmente, que o outro se aproximava mais, apesar da calmaria. E intimamente pensava:

— Talvez efeito das correntes, das águas...

Começava a estranhar, porém, o silêncio das baterias já em alcance quando, de repente, o piloto gritou para baixo:

— Fazem sinal para atravessar!... Fazem sinal para atravessar!...

Em seguida, um estampido grosso e rouco de canhão rolou sobre as águas, que o sol a pino malhava.

— Ah! os miseráveis ameaçam-nos! — rosnou o velho Sumares, vendo uma nuvem de algodão que se adelgaçava lentamente, cobrindo o brigue à meia-nau.

Os marinheiros, pelas amuradas, à proa, berravam, n'uma indignação:

— Olha os estupores! Vão balear-nos! Vão balear-nos! E efectivamente, daí a instantes, os tiros repetiam-se, à bala.

O cruzeiro, todo em pano, entrando ainda para vante, estava já à distância de braços. Agora, das enxárcias, dominava-se-lhe toda a vasta tolda: à popa, o comandante e alguns oficiais moviam-se furiosamente, em manobras desesperadas, enquanto outros, às baterias mandavam o fogo.

Todo o horizonte em torno deserto no seu grande disco nostálgico. E o mar, de altos vagalhões, desviava as pontarias, arrancando pragas aos artilheiros furiosos.

O *Galgo*, quase parado na ausência dos ventos, parecia entregar-se, n'uma fadiga de animal cansado, à explosiva fúria inimiga. O velho Sumares, ao catavento, sob as balas

cruzando o convés à ré, sem poder corresponder ao ataque, n'uma íntima e intensa revolta de encolerizado, posto que exteriormente calmo, olhava, em meio do ranger zarro das vergas e dos mastros onde o pano murchava, as evoluções do navio, sacudindo leoninamente a grande barba espessa e a bela cabeça alva.

O *Contest*, porém, não adiantava mais uma braça, meio atravessado, só atirando com os canhões de bom-bordo.

Durante duas horas o *Galgo* não fora atingido; mas, de repente, uma bala atravessou-lhe as amuradas. Foi um choque horrível, seguido de outro que despedaçou a lan-cha grande, nos picadeiros, sobre as escotilhas fechadas. No porão, nesse instante, correu como a zoadá abafada de um gado preso, tumultuando. E guinchos loucos silvaram, entrevante do mastro do traquete, pelo escotilhão acima. O contramestre, com três marinheiros, arrancou logo o quartel gradeado, e desceram todos, de calabrote em pu-nho...

O velho Sumares estremeceu, n'um desespero brutal, observando todos os movimentos do inimigo contra a ba-laustrada. E logo grossas vozes de comando irromperam-lhe dos lábios. Os marinheiros acudiram imediatamente,

galgando os enfrechates, no meio do fogo gritando de espaço a espaço.

Pela primeira vez, nesse momento, o sangue calmo do velho marítimo, sublevava-se naquela tolda rasa, mas sem o trair apesar do grande abalo.

As balas inglesas choviam, entretanto, sobre o tombadilho a jogar, carregando tudo n'uma devastação formidável — o espelho da popa, a gaiuta, as pipas da aguada...

E toda a companha tinha agora movimentos atónitos, sob o fogo que aumentava.

O piloto porém, à proa, animava-a com a sua rude calma e alegre vozeria, mandando safar os ovéns e brandais que se despedaçavam. Era um rapaz dos Açores, de trinta anos, robusto e vivo, de uma intrepidez colossal. O velho Sumares conhecia-o desde menino e adorava-o pela sua coragem. Fora isso que o fizera, ainda muito jovem, genro e piloto do velho lobo do mar.

Mas a brisa do norte começava a cair fresca, e o *Galgo* aumentara já a singradura quando lhe acertou um balázio n'um mastro. Então, em todo o navio houve como um estremeção geral, n'um formidando ruído de derrocada — e panos, vergas, mastaréis e mastro entraram a flutuar em

roda, desfeitos, aos pedaços, como arrebatados n'um temporal. E, subitamente, vinte pulmões vigorosos estrugiram, n'uma explosão de pragas:

— Má raios os partam!... Covardes!... Má raios os partam...

Fora o mastro grande que rebentara caindo de través sobre o trincaniz, destruindo a borda falsa.

— Felizmente, ninguém apanhado! — gritou o contra-mestre, que vinha para a popa, branco como a cal.

E o velho Sumares, junto ao leme, berrava, apopléctico, a bracejar:

— Salta à ré! salta à ré! Com um milhão de diabos! Safa, safal!...

A gente caiu, n'uma rajada, sobre os destroços da cordoalha, coalhando todo o convés, por cima da câmara, e rompeu a cortar à machadinha e à faca os cabos, enquanto o navio atravessava batendo as velas de proa.

Sobre os vagalhões em torno, boiavam agora sinistramente, pedaços de mastro como despojos de um naufrágio.

O *Contest*, que fora deixado longe, cessara já de atirar.

A guarnição do *Galgo*, n'uma faina trabalhosa safara, em poucos momentos, o convés, e o brigue, estaiado o traquete, virara logo, deixando tudo para trás, sobre o mar...

Quando o crepúsculo se desenhou a oeste, alastrando o horizonte, n'uma vaga iluminação dourada, já o terrível casco britânico desaparecera, como soçobrado...

V

Daí a dias, n'uma esplêndida manhã de sol vivo e mar calmo, o navio, só com um mastro, entrava vitoriosamente o Arvoredo. Fundeara na Ponta das Canas, onde fora lançado o carregamento e no outro dia, à tarde, o velho Sumares seguiu para o Desterro onde, desde o amanhecer, não se falava senão no *Galgo*.

Por toda a parte, nas ruas e nas casas, o nome do célebre mareante cintilava como o de um personagem fantástico, em meio as exclamações e comentários. E durante meses, foi essa extraordinária viagem o assunto mais querido das palestras entre aquelas populações da beira-mar, que têm toda uma simpática predilecção pelas lendas marítimas.



O velho Sumares nunca mais embarcou, expirando aos noventa anos de idade, entre os carinhos deliciosos das filhas e dos netos, na sua pitoresca habitação da Arataca. E a história da sua vida rude e aventureira ainda é hoje lembrada, com infável ternura, na placidez venturosa dos serões, nos lares.

*Rio, 1892.*

# NÚPCIAS MARINHAS

(A *Bellarmino Carneiro*)

O pequeno arraial da Ponta Grossa, n'essa clara manhã de Janeiro, despertara alegre e ruidoso, como nos dias de grande pesca, pelo tempo das tainhas, ao cair das primeiras geadas. Na praia recurva, de areia alvíssima, estendendo-se na distância de um quilómetro, desde o tabuleiro dourado do longo pontal ao sul, até à crista de rochas negras e altas ao norte, onde o mar sacode, noite e dia, em vagalhões espumosos, largas barras de prateada escumilha — remadores das redes, em camisa e calças arregaçadas, grandes chapéus de palha à cabeça, fumavam e

palravam rusticamente, de pé, em volta de duas imensas canoas de voga, alcatroadas de novo, que, postadas sobre grossos rolos de madeira, de proa para o mar, e palamentadas, os beques finos erguidos, esperavam, prontas a investir contra as ondas.

Era o casamento da filha mais nova do Rufino Bastos, a Rosinha, com o João Aguiar, um belo rapaz vigoroso, patrão de uma das redes do pai: esse acto ia efectuar-se na igrejinha de Santo António, uma freguesia pitoresca e agreste, que ficava do outro lado, à margem esquerda do Ratores, cortando ali as terras com o seu largo estuário. Devido a esse embaraço do rio e à pobreza do arraial, que nem ao menos possuía uma capelinha — antiga e única aspiração daquela boa gente adorável! — os consórcios e baptizados faziam-se sempre por mar, em magníficas monções, sob um tempo límpido e calmo, o que não evitava, entretanto, um ou outro desastre, de longe em longe, quando sobrevinha inopinadamente algum temporal.

O risonho préstito compunha-se de duas ou três numerosas famílias do lugar — a gente do noivo e da noiva, e mais amigos, conhecidos e compadres caminhando alegremente, posto que um pouco contrafeitos naquelas rou-

pas das festas, mas em agradável e animada palestra. À frente de todos vinha a Rosinha, pelo braço do pai, formosa e tentadora, a boca rubra, os pestanudos olhos baixos, as faces vivamente coradas, e a fronte virginal inclinada sob o véu fino de tule. Seguiam-se as pessoas que iam testemunhar o noivado — pela Rosinha, o tio João Luís e a tia Ana Mafra, um casal já idoso, com a cabeça alvejada do decorrer dos anos; pelo João Aguiar, o Jacinto Cunha e a esposa, robustíssimo par de lavradores, ainda moços, louros, com um rosto cor de lacre; e as irmãs dos nubentes, as primas e camaradas — um bando de moças, de entre quinze e vinte anos, graciosas, alegres, inefáveis. Mais atrás, n'um grupo de rapazes, na sua maior parte companheiros de rede e seus íntimos, vinha o noivo, marchando feliz, com os ombros enormes muito apertados n'um fraque novo de pano, a gravata alva confundindo-se com a camisa tesa de goma, a alta cabeça erguida, os lábios risonhos, os olhos reluzindo, negros, na pele queimada.

Quando chegaram à praia, os tripulantes, que olhavam atentamente o desfilar do cortejo desde o alto da estrada, entraram a botar as canoas para baixo. Então, de popa

para terra, palpitando já sobre as águas balouçantes, as embarcações começaram a tomar os convidados. E logo após, sob a força possante dos remos, se afastaram ao largo.

## II

Do alto do morro, no parapeito branco do vasto terreiro murado, onde alvejava, caiado de fresco, o frontal largo e açaçapado da casa do Bastos, com as suas cinco janelas abertas aos ventos do mar, deixando entrar amplamente o sol e todos os aromas e rumores da Natureza em volta — pessoas da família, que tinham ficado arrumando tudo para as bodas, olhavam, debruçadas, e n'um grande enternecimento, o afastar lento e saudoso do cortejo marinho sobre a planura verde e mansa das águas. De entre elas — na maior parte mulheres e crianças, porque os homens tinham ido todos no préstito — se destacava, venerativamente n'uma atitude dolente e nostálgica de *Mater-Dolorosa*, a Maria Bastos, a extremosa mãe da Rosinha, que, muito comovida, o rosto rosado e moço apesar dos anos, espiritualizado n'uma vaga saudade, acompanhava,

alheada de tudo, o espumante singrar das canoas. Não sabia bem porquê, mas sentia agora como um aperto, um peso enorme oprimir-lhe o coração, ela tão alegre até ali com o casamento da filha. Era inexplicável! Tinha um vago pressentimento de que iam sobrevir grandes tristezas, lutos, uma imensa desgraça... E aquilo invadira-a inopinadamente, à maneira dessas trovoadas súbitas que toldam de repente o puro azul dos céus de Verão. Por mais que fizesse, não podia sufocar semelhantes ideias que a deprimiam, a esmagavam angustiosamente. Ninguém mais do que ela desejava aquela união, pois fora a bem dizer pelos seus esforços que conseguira o «sim» do marido para o João, quando este lhe escrevera pedindo a mão da Rosinha. Porque o Rufino, a princípio, ignorando o namoro de ambos, e depois contrariando-o sempre que podia, declarara-lhe logo «que não». Reconhecia que o rapaz era bom, honesto, vivo, trabalhador, mas não tinha meios e estava ainda muito novo. «Não! que esperasse melhor ocasião.» E calara-se, franzindo os sobrolhos, n'uma austeridade de velho marítimo, duro e carrancudo como um leão. Ela porém, a esposa, que sabia do profundíssimo amor que se votavam as duas criaturas desde os mais ten-

ros anos, e que bem via que aquilo podia talvez trazer a infelicidade para o seu lar, sempre tão cheio de serenidade e doçura, entrou a pedir constantemente, carinhosa e suplicante, o consentimento do esposo, que afinal acedeu, marcando tudo para aquele ano. E fora uma grande alegria para todos!... No entanto, agora, sem saber como, invadia-a estranho pressentimento... Que estaria para suceder, santo Deus?...

As embarcações, vogando paralelamente, separadas por pequena distância, voltavam agora o pontal, caindo no amplo estuário, onde a corrente impetuosa do rio, lutando com o mar invadido, erguia grossos frisos ondulantes de espuma. Os seus cascos, esguios e negros, desenrolando pela popa fora duas imensas faixas de escócia alvadia, iam-se ocultando, pouco a pouco, na sombra de duas ilhas altas e frondentes, emergindo em linha do espelho azul do oceano, como duas esmeraldas gigantes.

As mulheres e crianças, não podendo distinguir mais as canoas naquela posição, já muito diminuídas ao longe, tinham deixado o parapeito e volviam nesse instante à lida da casa, que se enfeitava toda para a volta dos noivos. A Maria Bastos, porém, não despegara, um momen-



to só, do pequeno paredão; e, triste e lacrimosa, isolada e só, perdida nas delicadezas do sublime e inefável affecto de mãe, com o filhinho mais novo ao colo, um bebé lindo e risonho que se lhe debruçava sobre o ombro — olhava ainda aquele «noivado da sua alma», que lá ia boiando, boiando...

### III

No entanto, no cortejo além, sobre o mar, todos iam alegres. Parolava-se vivamente da abundância das culturas e da riqueza da pesca. O ano que findara havia sido, como poucos, da mais ampla fartura. Prouvera a Deus que o mesmo acontecesse com aquele, cujos primeiros dias iam decorrendo venturosos, com prenúncios de felicidade!

Na canoa grande — a melhor e a mais segura das que faziam o serviço das redes na Ponta Grossa —, onde se acomodara o Rufino, com os padrinhos, os noivos e mais pessoas da família, o João Aguiar, que por ingenuidade e acanhamento fora sentar-se quase junto aos bancos de proa, não cessava de contemplar a Rosinha, com os seus

belos olhos castanhos, deliciado e feliz, n'um embevecimento. Ela, por sua vez, olhava-o também, venturosa e cheia de ternura, mas timidamente, furtivamente, a face muito rosada sob o tecido ténue do véu, descendo-lhe pelas costas em longas pregas de bruma. Essas duas almas cristalinas, simples, adorativas e cândidas, que se alvorocaram uma só vez ao jorrar da primeira paixão, e que viviam sempre, desde a infância, uma pela outra batendo, docemente, ininterruptamente — cruzavam-se em silêncio, nos meigos olhares de ambos, dando-lhes um mútuo e perenal encanto, trespassando-os de um gozo leve e suave, à maneira de um doce fluido magnético, que vibrasse, com igual propulsão, entre os seus peitos amantes. Agora, que iam para sempre unir-se, n'um mesmo contacto e n'uma mesma palpitação, parecia que se diziam mudamente, n'uma emoção deliciosa: — «Enfim!... Enfim!...» Por sobre eles rumorejava prazerosamente a voz rouca e grossa dos velhos, em alegre expansibilidade, e estalava sonoramente, em esfuziadas límpidas, o choral de risadas tilintantes das raparigas em festa.

Na outra embarcação, havia também um contentamento ruidoso, sacudindo as almas de bendito esplendor,

como os pequenos vagalhões do estuário sacudiam as canoas. E até os remadores — uns oito homens robustos, quase todos rapazes, de tronco atlético e pescoço de touro, o rosto tinto pelo sol do mar — riam-se esplendidamente, com os seus dentes muito alvos, o coração saturado da alegria das coisas, o corpo metricamente balançando no movimento vivo e contínuo dos remos.

## IV

O Sol já ia alto quando as canoas chegaram à praia, uma longa faixa de areia finíssima, fulgurando n'uma poeira dourada. As casas de Santo António, beirando em linha ao longo da costa, a pequena distância, estavam fechadas e como adormecidas sob a luz escaldante. No porto, àquela hora batido por uma fraca brisa do norte soprando levemente, não se via viv'alma. Tudo permanecia em paz, apesar da gloriosa radiação do céu, sob o silêncio adormecido e vasto dos meios-dias nos sítios. As vendas, onde se bebe e algazarra tranquilamente, estavam vazias; e só ao longe, n'um recanto onde o sol faiscava deslumbradoramente, em escamas de ouro vivido sobre a planí-

cie líquida, um grupo de homens se destacava, movendo-se lentamente, na faina da pescaria.

O desembarque efectuou-se magnificamente, e o noivado foi subindo a pequena rua que vai dar n'um grande largo gramoso onde se acha erecta a igrejinha da freguesia, recolhida e humilde, despida de torres, com o seu frontãozinho amarelo, ao lado direito do qual se erguem toscos paus ao alto, encimados por um travessão, de onde pende um sinozinho.

Ao rumor do préstito atravessando por entre as casas, aqui e ali, cabeças curiosas assomavam às janelas. Um ou outro transeunte parava, pasmando os olhos ingénuos e doces naquele grupo festivo. E magotes de crianças, que costumam vagar pelos caminhos em correrias contínuas, surgiam pouco a pouco, incorporando-se ao cortejo, em zurzinada vivíssima.

Na igreja, o noivo, a noiva e os padrinhos tiveram de aguardar, durante muitas horas, com certa impaciência revelando-se nos semblantes a que a viagem dera um ar de fadiga, a chegada do vigário, um velhinho gordo e catarroso, de cabeça alvadia, que usava óculos, e que era agora, em todos os actos do culto, um retardatário remis-

so. Os outros, enquanto isso, erravam dispersos pela nave, parando junto às paredes muito caiadas, de queixo erguido, a contemplar admirativamente e com grandes olhos deslumbrados, os vários santos mal esculpidos, metidos nos seus nichos, a tábua dos altares, os ramos, os registos coloridos, as toalhas de renda, as flores murchas e os castiçais dourados...

Quando ocorreu a cerimónia era quase meia tarde. O sol entrara a esmaiar para um amarelo frio, d'ocre. Ao sul, sobre as montanhas do Cubatão, grossas nuvens de trovoada começavam a adensar-se vagamente n'um fundo esfuminhado e sombrio; e pelo alto do céu, ainda muito transparente e nítido, flutuavam já grandes flocos de algodão, delgados e felposos como longas brochadas de tinta. Eram os conhecidos *rabos de galo*, que anunciam aos marítimos a iminência de pampeiros terríveis.

Todos, então, sobressaltados com a súbita mudança do tempo — tão comum naquele lugar durante o Verão — dirigiram-se para a praia, n'uma marcha batida. Os intrépidos remadores, que desde muito observavam a aproximação da tormenta, os esperavam já, postados aos remos, prontos a largar ao primeiro sinal. E o embarque realizou-

-se, n'uma pressa agitada e confusa, em que as moças sentiam como uma vaga inquietação, ouvindo os homens gritar pressagamente:

— O pampeiro! O pampeiro!

V

Na Ponta Grossa algumas redes que cercavam, apresavam nesse instante os lanços, receando a fúria do mar, que era ali, sob os tufões, de um efeito extraordinário, porquanto a praia corria em leve curva enviesada, totalmente exposta aos ventos rijos do sul, e os vagalhões, batendo de través, adquiriam sempre proporções brutais. Daí os inúmeros naufrágios que se davam e que tão temida tornava essa ponta de rochas às embarcações do tráfego, cruzando frequentemente aquelas paragens.

Grupos de pescadores, junto aos ranchos de palha, observando o lento condensar da tormenta nos ares, comentavam auguralmente uma má volta para o noivado; e alguns espíritos mais apreensivos exclamavam, abanando a cabeça, como n'uma previsão de desastre:

— Ora queira Deus que aquela fardança das canoas

não desse em alguma desgraça! Também não sabiam o que é que o casamento esperava, que nem sinal! O temporal estava por um triz! Se eles não abrissem os olhos, tinham que passá-la boa!... Quem sabia o que aquilo ia dar? Logo nesse dia... Pobre do João Aguiar, coitado!...

Mas outros, menos receosos, afirmavam virilmente:

— Que não! Talvez não desse em nada... A trovoadá era muito capaz de se desmanchar para longe como tantas vezes se dava... Também a gente que lá estava não era «ova»! E depois com o Rufino Bastos... Qual! Eles não largavam do porto sem ver primeiro no que aquilo parava! Estavam bem seguros, deixassem lá!...

E olhavam o mar onde as canoas, nas evoluções do último lanço, giravam com rapidez. Achavam-se ali à espera para recolher as redes, porque naquele dia estava tudo acabado. Fora uma asneira andar a lancear com as águas assim paradas e calmas, pois não haviam conseguido matar nem um peixe!...

Nesse momento, no alto da encosta, cercada das pessoas de casa, a Maria Bastos, debruçada de novo ao para-peito do terreiro, n'uma aflição e quase a chorar, examinava o tempo que escurecia cada vez mais. Tinha o

coração, agora, pejado de imensos temores, batendo com pulsação desmesurada. Sentia mesmo, por vezes, como uma ânsia, uma vontade louca de gritar. O rosto, tão fresco horas antes, perdera o seu colorido habitual, mostrando-se profundamente abatido e cavado; e os olhos, com uma luz desvairada, voavam incessantemente, para além, sobre as águas...

## VI

Mal as canoas deixaram Santo António, puxando para o largo a fim de montar o pontal, o cordão lívido do vento sul desenhou-se ao longe, nas vagas. Por sobre os pináculos austrais da Serra do Mar o céu tornara-se de um azul apertado e d' aço. Nuvens negras e espessas, de bojo carregado, corriam para o norte n'um turbilhão colossal. Fuzis irrompiam além, dantescamente, em ziguezagues rútilos. O sol desaparecera de todo, sob os primeiros panejamentos da borrasca. Uma luz álgida e sinistra aproximava as perspectivas, dando às coisas em volta um aspecto fantástico. E sobre a vasta superfície do mar, ainda em calma, pesava a solenidade augusta de um silêncio formidá-



vel, como se de repente toda a Natureza fosse entrar para sempre na pacificação do Nada!

As embarcações singravam, entretanto, serenamente no meio da grande calma. Pareciam voar, arrancadas possantemente pelos pulsos infatigáveis dos seus tripulantes. Aquela em que vinha o noivado, um pouco sobrecarregada, deixava-se distanciar pela outra, que ia adiante, já quase a dobrar o pontal: muito metida de popa não podia desenvolver maior velocidade; e por isso, os valentes remadores cada vez se esforçavam mais, impulsionando-a a gigantescas remadas. À ré, sobre o vasto paneiro alto, as moças, posto que nervosas e assustadas, mantinham-se contudo em silêncio, todas aconchegadas. N'uma das extremidades, a Rosinha, que ficara sentada ao lado do noivo, junto ao grupo onde estavam os padrinhos e o pai, muito pálida e temerosa de algum desastre, levantava a cabeça, de vez em quando, acima da borda, para olhar o mar que cada vez enegrecia mais. O João Aguiar, então, com a sua imensa calma de pescador, criado a labutar dia e noite nas ondas, pegava-lhe carinhosamente das mãos, dizendo-lhe:

— Que aquilo não era nada, que não tivesse medo, pois estavam a chegar...

O pai, ao lado, falava-lhe também, animando-a. E o patrão, um homem baixo e entroncado, ainda moço, a fisionomia rija e grossa de lobo do mar, de pé, ao leme, não cessava de investigar o quadrante do sul, onde crescia a tempestade. D'istante a instante, os seus lábios rudes descerravam-se e o seu vozeirão rouco passava:

— É aguentar, rapazes, que o pampeiro não tarda! É preciso montar o pontal quanto antes, senão temos trabalhos!...

Ao vibrar destas palavras, como sob o ferro de um agulhão, os braços remavam com maior possança e a canoa levava uma impulsão a mais.

Mas, de repente, um siflar monstruoso como uma orquestra de demónios num sabat infernal, explodiu sobre as águas, sublevadas de súbito em vagalhões altos, que se entrechocavam espumando n'uma fúria inelutável. O oceano cerrara-se em torno. Os fuzis intensificavam-se medonhamente, abrindo na atmosfera hieróglifos de fogo. Trovões consecutivos rolavam no ar, aos estoiros; e um pesado aguaceiro violentamente jorrou do céu bravo.

O patrão, ainda de pé à popa, mandava largar uma das velas menores para fugir às vagas colossais que se

quebravam de encontro à canoa sacudindo-a n'uma dança macabra. As raparigas, tomadas de pânico sob o temporal desfeito, soltavam gritos contínuos, agarradas umas às outras: «Nossa Senhora!... Nossa Senhora!... Que horror!...» Os homens, com a coragem e o sangue-frio dos pescadores, procuravam acalmá-las com palavras animadoras. A embarcação, a borda inclinada, rolava vertiginosamente no torvelinho espumoso. De vez em quando, uma ou outra mareta maior galgava-a, com a sua coroa de rendas. E, hora a hora, o pampeiro aumentava desoladoramente...

Transida de susto, a Rosinha, as vestes amarrotadas e ensopadas da chuva, agarrava-se ao noivo chorando. Ele, forte e valoroso no meio do vendaval, enlaçava-a meigamente, enchendo-a de consolações que a serenavam, por vezes, como uma força salvadora. Era a primeira vez que a sentia toda entregue a si, vencida e humilde como uma corça; e por isso tinha os olhos húmidos de emoção, estreitando-a nos braços, no meio da tempestade.

A canoa não parava um instante, n'uma singradura louca, toda alagada dos novelos espumosos das ondas. Dois homens no esgotadouro, trabalhando com as duas cuias grandes, já não davam vasão à água que penetrava

pelos bordos, pela popa e pela proa. Os paneiros, no fundo, começavam a nadar...

As moças, agora, invocavam com mais ardor os santos, cujos nomes irrompiam tumultuosamente, às sílabas despedaçadas, de seus lábios brancos; engrolavam rezas confusas na agitação do pavor. Era uma cena angustiosa e tremenda. E o mar, doido e epiléptico, atirava-se subversivamente n'um estranho clamor!

Ao dobrar o pontal — o lugar mais perigoso da costa, sob as tempestades — o tufão, n'uma refrega indómita, partiu e arrebatou a vela nos ares. Então, uma horrível confusão espalhou-se por todos. A embarcação entrou a rolar, sem governo no seio da cólera espumante das vagas. Ninguém mais se entendia. E, agarrados uns aos outros na força instintiva do perigo, aflitos e assaltados pela alucinação, começaram a gritar n'um delírio.

— Socorro!... Socorro!...

Estavam já próximos à Ponta Grossa; mas em meio aos turbilhões da borrasca, ninguém os ouvia. E, de repente, uma volta de mar gigantesca sinistramente envolveu a canoa que, adornada, revolteou bruscamente, n'um recontro terrível das ondas.

Uma hora depois a tormenta amainava. E os tripulantes, que eram grandes nadadores, apareceram sobre o casco negro da canoa boiando agora, desoladoramente, como um esquife medonho. As moças haviam perecido todas. Os noivos, esses, afundaram-se abraçados, unidos indissolúvelmente para toda a Eternidade. Filhos de pescadores, quis o Destino que fosse seu leito de núpcias o oceano revolto.

*Rio, 1893.*

VIRGÍLIO VÁRZEA  
NÚPCIAS MARINHAS

\_ É verdade, Marica, graças  
ao Pai do Céu, escapámos...

61

Apoio:



INSTITUTO DA BIBLIOTECA NACIONAL E DE LEITURA

Patrocínios:



inapa